

PAULO ALEXANDRE E CASTRO

paecastro@gmail.com

CIAC (UAlg) e CEHUM (UMinho)

DO (NÃO-)LUGAR À NÃO-MOBILIDADE: VIVER VIRTUALMENTE NO FIM DOS TEMPOS

RESUMO

A mobilidade ganhou nas últimas décadas um alcance e sentido que até aí não se sentira. Com a intensificação do movimento de globalização, não foram apenas os conteúdos ou mercadorias a circular com celeridade, mas o próprio homem, reafirmando a sua essência errante que, sobretudo a partir da industrialização, o havia fixado aos lugares. Nesta nova mobilidade celebra-se o paradigma do *homo viator*. Com o avanço da realidade virtual e da inteligência artificial, o cenário de não mobilidade parece vir a tornar-se uma garantia de regresso ao lugar, o que contradiz a mobilidade do *homo viator*. É a partir destes paradoxos e contradições que a mobilidade se quer pensar, o que significa questionar a virtualidade da realidade no intrigante desafio de se viver no fim dos tempos.

PALAVRAS-CHAVE

Mobilidade; virtualidade; inteligência artificial; tecnologia; realidade

E NO COMEÇO ERA O VERBO TRANSITAR. A MOBILIDADE, O LUGAR E O NÃO-LUGAR

Na história humana, parece-nos, esteve sempre presente uma visão do ser humano como um ser em trânsito, como *homo viator*. Fosse como um movimento originário e natural dos primeiros seres humanos, na procura de abrigo ou de caça, fosse posteriormente com o aparecimento de sociedades constituídas como as antigas civilizações egípcia ou grega através da elaboração de um pensamento metafísico e do transcendente. Neste último, a colocação de um plano extranatural, extrassensível, inteligível ou, se se preferir, divino veio suscitar a ideia de movimento, de transição, de fluxo, de devir, em última análise, de viagem. Na verdade, se pensarmos na

cultura grega, esta ideia é apresentada e está impregnada de forma muito marcante: desde Heráclito em que tudo flui a Platão com a transmigração das almas, à mudança implícita entre potência e ato e aos pressupostos do lugar e tempo que caracterizam o movimento dado em Aristóteles (que a obra *Física* sobretudo nos livros III, IV e VI tão bem apresenta).

A bem da verdade, diga-se que a ideia de movimento, de mobilidade não deixará nunca mais de acompanhar o pensamento e a cultura, de tal forma que toda a história universal humana é marcada por ela. Repare-se como todos os movimentos de expansão territorial estão impregnados da ideia de conquista e poder, mas também da premissa de que não há conquista sem mudança, sem transição, sem mobilidade. É assim que se vê suceder na Dinastia Chin a Oriente, ou no império romano no ocidente, e a tantas outras contas do rosário como o movimento dos descobrimentos que viriam a configurar séculos mais tarde a globalização que todos conhecemos. Ou seja, o que se está a tentar dizer é que o paradigma do *homo viator* é algo profundamente enraizado na cultura humana (e se se quiser ser ainda mais realista sob este aspecto, pode afirmar-se que os movimentos migratórios dos animais acabam por consolidar a ideia de mobilidade no mundo em que vivemos). Permita-se, no entanto, adiantar uma ideia que é ou pode ser controversa a este respeito: não há expansão que não redunde em imobilização.

A afirmação do paradigma da mobilidade até à contemporaneidade veio reconfigurar por sua vez o conceito de lugar e de não lugar, tal como o encontramos em Marc Augé. A propósito daquilo que ele intitulou como o fenómeno da supermodernidade (Augé, 1995, pp. 75-79), o autor pensa o terminal de aeroporto como uma espécie de não-lugar por excelência, pois, será segundo ele, um lugar que esgotou a sua força simbólica, esmagada pela emergência do sentido que aponta para um exterior maior. O não-lugar é um ponto de suspensão, um diferimento perene em viagem, um lugar de trânsito¹. No entanto, esses não-lugares são lugares onde as pessoas convivem sem viverem juntas e criam uma espécie de contrato inconsciente pelo qual todos são geralmente educados; essa educação justifica-se, dir-se-ia, pelo conhecimento de se saber que o aeroporto é, ao mesmo tempo, uma

¹ John Urry critica a aplicação da noção de não-lugar ao aeroporto utilizada por Marc Augé (1995): “Primeiro, mesmo os espaços aéreos são pouco distintos como lugares e compartilham muitas características em comum e, existem várias maneiras pelas quais os espaços aéreos são, no entanto, diferentes uns dos outros e não são caracterizados exclusivamente por uma ‘contratualidade solitária’. Em segundo lugar, essa afirmação de que os aeroportos são não-lugares repousa sobre uma noção de lugar muito sedentarista como se ‘lugares’ pudessem ser dados e imutáveis e não compartilhassem características com os espaços aéreos. Em vez disso, o que é impressionante é como os lugares são cada vez mais como os aeroportos. (...) Os espaços aéreos são lugares de organização material e de considerável complexidade social. Não são simplesmente ‘não-lugares’”. (Urry, 2007, p. 147).

terra de ninguém e um lugar familiar (ou, pelo menos, são desenhados para o serem, como refere Pico Iyer)², uma estranha mistura de tempo e lugar, onde tudo está no lugar certo para que possamos sentir uma conexão familiar com o espaço, com um espaço público, tal como acontece num *shopping*, ou como apontado por Deyan Sudjic,

O aeroporto, ao lado do museu, e do shopping, é um dos principais espaços públicos que servem para definir a cidade contemporânea ... É um substituto para o reino público, que oferece pelo menos a ilusão de um ponto de encontro em que os ricos e os pobres estão mais próximos do que quase em qualquer outro lugar em um mundo cada vez mais segregado economicamente. (Sudjic, 1999, p. 182)

Na verdade, parece que a ilusão alimenta a esperança e é sobre ela que se vão erigindo os frágeis paradigmas da modernidade. É assim que viajar faz bem à alma tal como regressar alimenta a verdade da “home, sweet home”. Por isso, a humanidade alimenta estas duplas realidades em si: viajar é mais que um desejo, mais que uma confirmação da essência do *homo viator* e ao mesmo tempo, a construção de raízes, a estabilização do lugar e o exercício da memória que quer recordar a viagem. Numa época de vertigem, em que tudo muda tão depressa – não devemos nem podemos esquecer os estudos de Richard Sennett (1992), Paul Virillio (2000), Gilles Lipovetsky (1989, 2007), Zygmunt Bauman (2006), entre outros –, e devemos reconhecer que a estabilidade é uma ilusão muito útil. De fato, Anthony Giddens (2012), George Balandier (2005, 2009) e especialmente Ullrich Beck (1992, 2005) falam do processo de individuação como um componente da sociedade de risco, ampliando os processos de des-subjetivação dos indivíduos que a compõem.

Recorde-se aqui, como ilustração da familiaridade do não-lugar, um filme protagonizado por Tom Hanks, *The Terminal*. A personagem principal Viktor Navorski fica retida no aeroporto de John F. Kennedy durante nove meses, pois durante a viagem o seu país a fictícia Krakozhia, sofre um golpe revolucionário e o passaporte deixa de ser considerado válido. Se esta ficção nos parece credível, a realidade acaba por superá-la. O episódio data de 1988, em que o refugiado iraniano Merhan Karimi Nasser (que viria a

² “Um aeroporto moderno baseia-se no pressuposto de que toda a gente é de algum outro lugar e, portanto, precisam de algo que reconheçam e os faça sentirem-se em casa; torna-se, portanto, uma antologia de lugares genéricos – o *shopping*, a zona de alimentação, o *lobby* do hotel – que tem a mesma relação com a vida, talvez, como Muzak faz à música. Existem hoje nos aeroportos discotecas, clínicas dentárias e bares de *karaoke*; há *peep shows*, pistas de *karts* e capelas de todas as confissões. O Dallas-Fort Worth International é maior do que Manhattan e Istambul tem um terminal especial para acomodar apenas os ‘*shuttle shoppers*’ da antiga União Soviética”. (Iyer, 2001, p. 43).

ser conhecido como Sir Alfred) procura entrar na Europa depois de ser perseguido e torturado pela polícia secreta iraniana. No entanto, não consegue entrada em nenhum país (chegou a embarcar para Inglaterra) e acaba por viver no Terminal um do Aeroporto Charles De Gaulle por 18 anos.

No caso do filme *The Terminal*, Viktor Navorski torna-se a representação, não apenas de uma figura que quer cumprir um sonho (uma possível alegoria aos milhares de emigrantes que tentam entrar nos Estados Unidos), mas da realidade moderna da mobilidade e do não-lugar. Num cenário de vertigem psíquica e de aceleração dos tempos contemporâneos (os ritmos perceptivos e cognitivos que se encontram alterados e subjugados pelo fluxo incessante do consumo), é perturbador e algo irônico aparecer uma legenda no cartaz do filme, logo abaixo do título com a seguinte frase: “a vida está à espera”. É como se fosse um lembrete a dizer aos possíveis espectadores do filme, que para além de qualquer terminal do aeroporto, há uma vida que nos espera.

Na mesma senda de Marc Augé (1995), Pico Iyer (2001) num conhecido ensaio intitulado *The Global Soul* (que reflete a experiência do autor sobre o tempo que passou no Aeroporto Internacional de Los Angeles), escreve sobre o lugar como tendo todas as comodidades de uma metrópole moderna, um misterioso espaço cheio de indivíduos de todas as culturas formigando com esperanças e sonhos. Um lugar em que as pessoas teriam experiências fora do corpo provocadas pelo *jet lag* e onde estranhos se cruzam e dão a conhecer entre si, numa espécie de camaradagem que só os viajantes exaustos e com nervos retorcidos saberiam apreciar. Um ambiente que muitas vezes impressiona pela forma como reflete os males modernos, um espelho de situações e personagens que inclui no mesmo cenário burocracia, *fast-food*, consumismo e explosões impacientes de raiva livre-flutuante. É como se se encontrasse um mundo dentro do mundo, como se se pudesse ver através do Aeroporto todas as pessoas do mundo. Um lugar onde coexistem milhares de pessoas que cruzam o mundo,³ de diferentes países, com diferentes culturas e línguas, e onde as pessoas se sentem expostas, vulneráveis e ansiosas, como Navorski se sentiu nas primeiras horas. Pico Iyer diz que todas essas pessoas estão a participar daquilo que ele apelidou de “alma global”, isto é, onde todo o lugar é composto de tudo

³ De notar que o livro de John Urry não previa ainda o constante fluxo de refugiados que se tem vindo a verificar desde 2010 e não só da Líbia, Iraque e Síria, mas igualmente de Marrocos, Argélia, Irão, Paquistão, Ucrânia, Roménia e Moldávia: “A escala dessa viagem é imensa. Prevê-se que até 2010 haverá pelo menos um bilhão de chegadas internacionais legais a cada ano (em comparação com 25 milhões em 1950); há quatro milhões de passageiros aéreos por dia; em qualquer momento 360000 passageiros estão a qualquer momento em trânsito acima dos Estados Unidos, o equivalente a uma cidade substancial; 31 milhões de refugiados percorrem o globo” (Urry, 2007, p. 131).

o resto. No entanto, há em Pico Iyer uma noção de movimento subjacente e marcante, que pode ser facilmente aferida:

E o que complica as confusões da Alma Global é que, tão rápido quanto estamos nos movendo ao redor do mundo, o mundo está se movendo ao nosso redor; Não é apenas o indivíduo, mas o mundo com o qual estamos interagindo que parece estar em constante fluxo. Assim, mesmo o homem que nunca sai de casa pode sentir que a casa o está deixando, como pais, filhos, amantes espalham-se pelo mapa, levando pedaços dele onde quer que vão. (Iyer, 2001, p. 27)

De acordo com Pico Iyer, as fronteiras entre um abstracto aqui e um ali estão em colapso, mas estranhamente, diz o autor, muitas mais pessoas agora do que antes têm um sentido real de casa. Parece ser difícil aceitar essa posição, especialmente se considerada do ponto de vista de um refugiado (que se vê forçado a deixar sua casa e o seu país). Na verdade, é de crer que Pico Iyer está sobretudo a efectuar a sua análise seguindo a concepção de passageiro frequente. É como se o mundo estivesse a encolher e, no entanto, não se pudesse deixar de sentir um isolamento na sua unidade. Ora, esta ideia de que pode haver um sentido real de casa, conduz a uma outra reflexão.

DO NÃO-LUGAR AO LUGAR. O VERBO HABITAR COMO NÃO-MOBILIDADE

Recorde-se a frase “não sou nem ateniense nem grego, mas um cidadão do mundo”, que parece configurar essa mobilidade da modernidade. Diga-se, a título explicativo, que a frase foi erroneamente atribuída a Sócrates – parece ser de Plutarco –, pois o mundo para Sócrates resumia-se à cidade, de tal forma que ele preferiu morrer a ter que abandonar Atenas (o cidadão ateniense do tempo de Sólon não concebia a sua vida fora de Atenas).

Serve este facto da vida de Sócrates e do ateniense em geral, para nos guiar naquilo que agora nos vai ocupar na nossa reflexão: um outro paradigma que, de alguma forma, se contrapõe ao *homo viator*, mas que é ignorado ou esquecido frequentemente e que, a nosso ver, se plasma na casa como lugar de imobilidade. Pode acontecer que o destino do *homo viator* mais não seja do que a procura de fixação, mais não seja do que o alcançar no tempo um espaço. Na verdade, o objetivo último de toda a viagem é chegar a algum lugar, é imobilizar-se aí (ainda que por pouco tempo). Poderiam os mais céticos replicar que, quando se nasce e se é lançado no mundo deixa-se efetiva e literalmente a casa natal. Não se pode

deixar de concordar, é certo, mas não será menos correto afirmar que se vai habitar no mundo e, por definição, habitar implica a agregação a um tempo e a um espaço e isso significa estar-sendo-no-mundo. Como a expressão indica, estar a ser remete para a dimensão espacial e temporal e é isso que nos recorda Gaston Bachelard (na *Poética do Espaço*) quando diz que «o mundo é a casa do Homem».

Em termos metafísicos, tratar-se-ia da inevitabilidade, por um lado do confronto e, por outro lado, da correspondência do indivíduo com o mundo e, a humanidade mais do requerer um lugar, exige um território de resguardo, uma área-espaço no mundo onde se possa *re-encontrar*. Também a condição de ser num espaço e de estar a ser num determinado espaço – a casa – define a construção da individualidade e da identidade. Emmanuel Levinas sabe que a casa não é um mero interesse entre interesses ou utensílio no meio de utensílios, com uma finalidade específica e última; diferentemente, refere o filósofo, a casa é o lugar privilegiado que “não consiste em ser o fim da atividade humana, mas em ser a sua condição e, nesse sentido, o seu começo” (Levinas, 2008, p. 144).

Estará então correcta a afirmação do sentido real de Casa que Pico Iyer propõe?! Como já foi sugerido anteriormente, Gaston Bachelard sustenta que a casa é fundamental para a constituição da subjetividade, pois é aí que as imagens e o valor que a elas se associam se encontram resguardados, pelo que esse espaço configura aquela espécie de “canto do mundo” que permite habitar com segurança e afetividade, que lhe permite enfrentar com “heroísmo cósmico” essas teorias do homem lançado no mundo. Ou seja, Gaston Bachelard procura alertar para que nos conheçamos também pelo espaço que ocupamos, para esse espaço a que se chama casa e que retém os fósseis da duração.

Repare-se que a casa se constitui como um espaço de memórias, de vivências, de resguardo e para o efeito tanto faz que seja uma casa portuguesa ou chinesa, pois nelas se reconhecem a aura de domesticidade como refere Bill Bryson⁴. A casa é a permanência, a persistência do seu mundo como tal (mesmo a configuração do mundo interior de cada indivíduo passa pelo modo como se estrutura mentalmente no seu espaço de resguardo), o lugar de encontro da sua existência com a sua identidade, o reduto da liberdade que é sempre íntima.

⁴ “As casas são coisas bizarras. Praticamente não dispõem de qualidades universais que as definam: podem ter praticamente qualquer formato, incorporar virtualmente todos os materiais, ser quase de qualquer tamanho. Contudo, para onde quer que se vá no mundo, sabemos o que é uma casa e reconhecemos a domesticidade assim que a vemos. Ao que parece, esta aura de simplicidade é, afinal de contas, bastante antiga” (Bryson, 2011, p. 41).

Serviu esta brevíssima introdução para afirmar a nossa tese, a saber, a constituição ou regresso à não-mobilidade ou a configuração do viver no fim dos tempos. Aquilo que estará em causa, num futuro próximo, é a nosso ver, um cenário de vivência repartida entre a realidade evitável e a virtualidade vivida. Quer isto significar que há o risco enorme de se vir a perder essa essência de errância que parecia caracterizar a humanidade perante o acelerado desenvolvimento da inteligência artificial. Se não pela razão, talvez pela arte (em concreto o cinema de ficção científica pode ser um forte aliado) se consiga fazer perceber a hipótese dramática que está em cima da mesa.

A MARCHA DO FUTURO. A IMOBILIDADE GERADA PELA TECNOLOGIA

Comece-se por dar um exemplo de infância para ilustrar a tese que se pretende defender. Quando era miúdo, todos os miúdos saíam para a rua para ir brincar. Brincar era, acima de tudo, interagir com os outros, fosse a jogar ao berlinde, ao pião ou simplesmente jogar à bola. Passados trinta anos, grande parte dos miúdos ocidentais dispõe de uma consola de jogos portátil que usa para seu prazer individual. Perguntar-se-ão os mais atentos o que tem isto a ver com o tema em análise? Permitam-me responder que tudo. É que, tal como o miúdo que se fixa na sua consola em casa a jogar, a possibilidade que advém do rápido desenvolvimento da inteligência artificial pode a manter os seres humanos em casa, sem necessidade de interação social, apenas vivendo artificialmente a vida (seja por meio de um avatar, holograma, de um qualquer robô ou plataforma digital ainda por definir). Dito assim poderá parecer confuso. Permita-se uma brevíssima explicação: já não se trata de cenários de mera ficção científica, embora filmes como *Os Substitutos*, *Avatar*, ou num certo sentido aqueles mais antigos como *EXistenZ* ou *Matrix*, possam contribuir para ilustrar aquilo que pretendemos dizer, mas de uma situação cuja probabilidade se validará por si mesma.

O avanço tecnológico verificado nos últimos anos, sobretudo no que diz respeito à realidade virtual e aumentada, à inteligência artificial, permitem-nos justificar, por um lado, e antecipar, por outro, um cenário de não mobilidade que tende a tornar-se uma garantia de regresso ao lugar, o que contradiz, desde logo, a mobilidade do *homo viator*. A possibilidade do humano se vir a demorar na moradia, a habitar o seu espaço, no melhor dos cenários, como organizador da vida quotidiana, parece poder ser uma realidade. Neste cenário de optimismo, em que os robôs poderão efetuar as tarefas de qualquer tipo de trabalho, podendo ser comandados à distância pelos humanos no conforto da sua sala, ou noutra lugar qualquer,

reenviam, pois, para a possibilidade de uma imobilidade. E talvez não estejamos assim tão distantes dela. Por um lado, todos nós já experimentamos trabalhar a partir do computador, em casa. Por outro lado, também já temos a experiência de fazer compras pela internet (casos que podem ainda ser alargados e reestruturados). Mas mais ainda dois exemplos: um, a existência na atualidade de instrumentos de realidade aumentada pode fazer viajar o homem sem sair do lugar, e dois, o surgimento recente de um mercado de robôs sexuais tenderá a criar hábitos de sedentarismo e conformação à habitação (à semelhança do que aconteceu inicialmente com a instalação dos computadores e depois da internet nas nossas casas).

No entanto, a evolução tecnológica não pára, desenvolve-se a um ritmo vertiginoso. A robótica, a realidade aumentada e a inteligência artificial estão num patamar nunca antes visto. Existem já no horizonte programas de leitura de mente. Não se está perante a presença de um mero programa de reconhecimento de voz como o *Siri* ou o *Ok Google*, mas de um programa de leitura de pensamento. Não se pense, portanto, que se trata de uma mera divagação pelo tema: desde 2010 que existem dezenas de artigos sobre o tema nas áreas das neurociências. Num artigo recente publicado na *Frontiers of Neuroscience*, os investigadores Christian Herff e Tanja Schultz (2015) afirmam estarem já a decodificar os sinais gerados no cérebro, quer quando se fala, quer quando se ouve alguém. Os investigadores acrescentam que neste novo estudo, em que usam um método designado como *electrocorticography*, os resultados irão aparecer em breve.⁵ Uma prova disso é o estudo efetuado recentemente em que experimentalmente se conduziu um automóvel através de ondas cerebrais.

Assim, poder-se-á ter numa primeira perspetiva, avatares ou robôs a produzirem o essencial para a sobrevivência da humanidade, ao mesmo tempo que se estará a gozar, talvez não tanto a vida (porque não sabemos em concreto o que poderia ser tal vivência), mas uma vivência condicionada, artificial. No sentido inverso, e, portanto, muito menos otimista, ter-se-á um cenário em que o desenvolvimento da inteligência artificial atingirá aquele grau conhecido como *Singularidade* preconizado por Raymond Kurzweil (2006), onde as máquinas assumirão o poder e poderá ocorrer uma escravização da humanidade a par de uma destruição ambiental do planeta, mas também aqui a imobilidade se parece constituir. Uma imobilidade que poderá ser significar um aprisionamento ou poderá significar um lugar de refúgio, tal como é ilustrado pelo filme *O Exterminador Implacável 3: a ascensão das máquinas*.

⁵ Algumas das investigações em curso permitem antecipar esses resultados (Martin et al., 2014; Mugler et al., 2014; Herff et al., 2015; Yoshimura et al., 2016).

Concluindo, parece que em qualquer das possibilidades a humanidade irá viver virtualmente no fim dos tempos. Seja o gestor acomodado ou o rebelde que luta pela libertação, o *homo viator* não deixará de existir, mesmo que essa existência seja condicionada pela não mobilidade porque em última análise, a viagem interior – lugar de todos os não lugares – é sempre uma constante do espírito humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Augé, M. (1995). *Non-Places: introduction to an Antropology of supermodernity*. Londres: Verso Publishers.
- Bachelard, G. (2000). *A Poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Balandier, G. (2005). *Civilisation et puissance*. Paris: L'Aube.
- Balandier, G. (2009). *Le dépaysement contemporain: l'immédiat et l'essentiel*. Paris: PUF
- Baumann, Z. (2006). *Amor líquido. sobre a fragilidade dos laços humanos*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Beck, U. (1992). *Risk society: towards a new modernity*. Londres: Sage.
- Beck, U. (2005). *Power in the global age*. Cambridge: Polity Press.
- Bosteels, B. (2003). Non places. an anecdote topography of contemporary French theory. *Diacritics*, 33 (3), 117-139.
- Bryson, B. (2011). *Em Casa. Breve História da Vida Privada*. Lisboa: Bertrand.
- Casey, E.S. (1996). *Getting back into place. toward a renewed understanding of the place-world*. Bloomington: University of Indiana Press.
- Gale, A. & Wilson, C. (Produtores). *O Exterminador implacável 3: A Ascensão das Máquinas*. [filme]. USA: Warner Bros Pictures.
- Giddens, A. (2012). *La transformación de la intimidade. sexualidad, amor y erotismo en las sociedades modernas*. Madrid: Cátedra.
- Herff, C., Heger, D., de Pestors, A., Telaar, D., Brunner, P. & Schalk, G. (2015). Brain-to-text: decoding spoken phrases from phone representations in the brain. *Frontiers of Neuroscience*, 9, 217. Retirado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4464168/>
- Iyer, P. (2001). *The global soul: jet lag, shopping malls, and the search for home*. London: Bloomsbury.

- Joy, B. (2000). Why the future doesn't need us. *Wired*, 8, 1-18.
- Kurzweil, R. (2006). *Singularity is near*. Londres: Gerald Duckworth.
- Levinas, E. (2008). *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70.
- Lipovetsky, G. (1989). *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal – ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.
- Martin, S., Brunner, P., Holdgraf, C., Heinze, H.-J., Crone, N. E. & Rieger, J. (2014). Decoding spectrotemporal features of overt and covert speech from the human cortex. *Frontiers in Neuroengineering*, 7(14), 1-15.
- Mugler, E. M., Patton, J. L., Flint, R. D., Wright, Z. A., Schuele, S. U. & Rosenow, J. (2014). Direct classification of all American English phonemes using signals from functional speech motor cortex. *Journal of Neural Engineering*, 11(3), 035015.
- Sennett, Richard, (1992). *The fall of public man*. Nova Iorque: W.W. Norton & Company.
- Sudjic, D. (1999). Between the metropolitan and the provincial. In I. Nystrom (Ed.), *City and culture: culture processes and urban sustainability* (pp. 178-185). Kalmar: The Swedish Urban Environment Council.
- Urry, J. (2007). *Mobilities*. Cambridge: Polity Press.
- Virilio, P. (2000). *A velocidade de libertação*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Wagner, M.F. (2008). *The enigmatic reality of time*. Boston: Brill.
- Yoshimura, N., Nishimoto, A., Belkacem, A. N., Shin, D., Kambara, H., Hanakawa, T. & Koike, Y. (2016). Decoding of covert vowel articulation using electroencephalography cortical currents. *Frontiers of Neuroscience*, 10, 175. Retirado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4853397/>

Citação:

Castro, P. A. (2018). Do (não-)lugar à não-mobilidade: viver virtualmente no fim dos tempos. In E. Araújo, R. Ribeiro, P. Andrade & R. Costa (Eds.), *Viver em|a mobilidade: rumo a novas culturas de tempo, espaço e distância*. Livro de atas (pp. 184-192). Braga: CECS.